

35.000 A.P. a 12.000 a.C. – POVOAMENTO DA AMÉRICA

A América foi o último continente povoado pelo Homo sapiens, o homem moderno. Os primeiros povoadores teriam atravessado a pé o Estreito de Bering, da Ásia para o Alasca, quando aquela região estava congelada (quarta e última glaciação). Por esse caminho terrestre também passaram animais como mamutes, bisontes, camelídeos, castores, renas etc. A situação mudou há uns 12 mil anos quando a região foi inundada e a passagem terrestre desapareceu. Estudos recentes, realizados em 2018, com o DNA fóssil extraído dos mais antigos restos humanos achados no continente, afirmam que um único contingente populacional ancestral levou à formação de todas as etnias ameríndias, passadas e atuais. Há mais de 17 mil anos, os primeiros povoadores teriam cruzado o estreito de Bering para o povoar o continente americano. O DNA fóssil indica que os integrantes daquela corrente migratória tinham afinidade com os povos da Sibéria e do norte da China. Na América do Norte, os povoadores teriam se diversificado em duas linhagens há cerca de 16.000 anos e, separadamente, se expandiram para a América Central. Daí chegaram à América do Sul em três levadas consecutivas e distintas. **Veja estudo:** [https://www.cell.com/cell/fulltext/S0092-8674\(18\)31380-1](https://www.cell.com/cell/fulltext/S0092-8674(18)31380-1)

34.000 A.P. – VESTÍGIOS DE PRESENÇA HUMANA (BRASIL)

Niède Guidon, arqueóloga brasileira que desde a década de 1970 pesquisa na região de São Raimundo Nonato, no Piauí, publicou um estudo ainda polêmico entre os especialistas em que afirma ter encontrado evidências – um fragmento de carvão vegetal em meio aos restos de uma fogueira – de que os seres humanos teriam vivido na Serra da Capivara há cerca de 58 000 anos atrás. A arqueóloga afirma, também, ter encontrado artefatos feitos por seres humanos com idade entre 34 mil e 58 mil anos. A cientista é conhecida mundialmente por lutar pela comprovação de sua teoria. Seu trabalho resultou em mais de 1.300 descobertas de sítios arqueológicos e centenas de fósseis na região da caatinga. Niède Guidon fundou o Museu do Homem Americano (FUMDHAM) para garantir a preservação do patrimônio cultural e natural do Parque Nacional da Serra da Capivara.

Site da FUMDHAM: <http://fumdham.org.br/fumdham/>

Revista FAPESP: <https://revistapesquisa.fapesp.br/niede-guidon/>

14.800 A.P. – MONTE VERDE (CHILE)

Há 14.800 anos, um pequeno grupo humano denominado “cultura de Monte Verde”, habitava próximo ao rio Maullín, junto a atual cidade de Puerto Montt, no sul do Chile. Seus restos arqueológicos ficaram excepcionalmente bem conservados por causas naturais. São cordas, estacas de madeira, grande quantidade de restos de alimentos, pedaços de couro, ossos de gonfotéridos (parentes dos elefantes atuais) e até a pegada de um pé pequeno, além de ferramentas de pedras. Monte Verde era um acampamento de caçadores e coletores seminômades.

12.000 a.C. a 8-6.000 a.C. – CULTURAS PALEOÍNDIAS

Povos nômades caçadores e coletores. Seu elemento representativo foram as pontas afiadas de pedra bifaciais, cada vez mais perfeitas, lascadas com que caçavam animais de grande porte como mamutes e bisontes. A Cultura Clovis que já foi considerada a mais antiga do continente ainda é a que mais se possui informações. Característica dessa cultura é a “ponta Clóvis”, ponta de lança lítica de beleza e perfeição incomum no paleolítico. A abundância de pontas Clóvis com restos de mamutes leva a afirmar que este era o animal de caça desse povo paleolítico.

12.000 A.P. – CULTURA CLÓVIS (ESTADOS UNIDOS)

Na atual cidade de Clóvis, no estado do Novo México, Estados Unidos, foram encontrados artefatos pré-históricos de cerca de 12 mil anos atrás. A Cultura Clovis, que já foi considerada a mais antiga do continente,

POVOAMENTO DA AMÉRICA E CULTURAS PRÉ-COLOMBIANAS

tem como principal característica a “ponta Clóvis”, ponta de lança bifacial (cada face é lascada nas duas arestas alternadamente) de beleza e perfeição incomuns no paleolítico. A abundância de pontas Clóvis com restos de mamutes, bisões, mastodontes, gonfotéridos (parentes dos elefantes atuais) e outras espécies leva a afirmar que a megafauna era a principal caça desse povo paleolítico.

11.500 A.P. – “LUZIA” E O POVO DE LAGOA SANTA (BRASIL)

Luzia foi o nome dado a um crânio feminino descoberto em 1975 em escavações na Lapa Vermelha, uma gruta no município de Pedro Leopoldo, em Minas Gerais. O crânio, de cerca de 11.500 anos, era de uma mulher de aproximadamente 1,50 metro de altura, que tinha entre 20 e 25 anos quando morreu. Em 2018, o fóssil foi queimado e quase destruído no incêndio do Museu Nacional. A descoberta de Luzia faz parte de um conjunto de dezenas de esqueletos escavados em diversos sítios arqueológicos em Lagoa Santa e grutas próximas com datações entre 11 mil e 8 mil anos atrás. Análise do DNA fóssil extraído dos ossos humanos encontrados na região de Lagoa Santa e comparado com um esqueleto da cultura Clóvis, de cerca de 12.600 anos, revelou que essas populações estão ligadas. Isso sugere uma expansão do povo que espalhou a cultura Clóvis, da América do Norte até a América do Sul e que o povo de Luzia seria resultado de uma leva populacional originária da Beríngia.

Jornal da USP: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-biologicas/dna-antigo-conta-nova-historia-sobre-o-povo-de-luzia/>

Agência FAPESP: <http://agencia.fapesp.br/a-nova-face-de-luzia-e-do-povo-de-lagoa-santa/29157/>

11.200 a.C. – MONTE ALEGRE, PARÁ (BRASIL)

Pinturas rupestres da caverna da Pedra Pintada, em Monte Alegre, no Pará datadas de 11.200 anos atestam a presença humana na Amazônia em tempo muito mais antigo do que se suponha. As pinturas têm motivos geométricos (círculos, cruzes e volutas), mãos em positivo e figuras antropomorfas e zoomorfas (sapos, cobras, peixes). As pinturas de Pedra Pintada contestam a ideia de que a selva tropical não oferecia condições de vida para abrigar culturas humanas muito primitivas. Nos vestígios de 7.000 anos há indícios de uma agricultura rudimentar e o consumo de carnes e peixes cozidos. **Revista FAPESP:** <https://revistapesquisa.fapesp.br/anna-curtenius-roosevelt-a-arqueologa-das-florestas/>

8000 a.C. a 1200 a.C. – CULTURAS ARCAICAS

O período arcaico começou por volta de 8000 a.C. quando o frio intenso diminuiu e lentamente as temperaturas subiram, mudou o regime de chuvas e a direção dos ventos – condições que modificaram as paisagens. Os povos americanos passam a buscar alimento por meio da pesca e da coleta de raízes, frutos e mariscos nas costas. A grande novidade é a agricultura que surgiu na América em tempos similares ao resto do planeta, isto é, por volta de 6000 a.C. Início do cultivo de algumas plantas e a domesticação de animais: milho, feijão e criação de perus na Mesoamérica; plantio de yuca, no Caribe; feijão, batata, quinoa e domesticação da lhama na América Andina. Invenção da cerâmica (3000 a.C.) e da tecelagem com fios obtidos de algumas espécies de algodão silvestre que existia na América Andina.

7000 a.C. – PRIMEIROS AGRICULTORES NA AMAZONIA (BRASIL)

Por volta de 7000 a.C., povos que viviam próximo a Porto Velho, na Rondônia, cultivavam mandioca, feijão e abóbora segundo pesquisa realizada pela arqueóloga britânica Jennifer Watling. Queimavam a floresta para abrir espaços habitáveis onde plantavam as primeiras culturas de plantas domesticadas.

O período coincide com a produção da chamada “terra preta de índio”, um solo enriquecido feito pelos indígenas da Amazônia e que possibilitou uma agricultura farta que teria alimentado uma população de milhares de indivíduos. Rica em cálcio, magnésio, zinco, manganês, fósforo e carbono, a “terra preta de índio”

POVOAMENTO DA AMÉRICA E CULTURAS PRÉ-COLOMBIANAS

tem grande fertilidade, atributo raro na região amazônica, onde os solos ácidos são desfavoráveis à agricultura.

Revista FAPESP: <https://revistapesquisa.fapesp.br/os-primeiros-agricultores-na-amazonia/>

3000 a.C. – CULTURA CARAL (PERU)

Por volta de 3000 a.C. surgiu em Caral, no norte do Peru, um centro urbano com grandes edifícios piramidais, o mais antigo da América. Ali se ergueram pirâmides de diversos tamanhos, feitas de barro e pintadas de branco ou amarelo claro, com escadaria externa que levava à parte superior onde havia várias câmaras. Foram escavados doze centros urbanos e, em 2016, descobertos os restos de uma mulher mumificada batizada de “Dama dos Quatro Tupus”, em referência aos quatro alfinetes ou prendedores (“tupus”) de osso, objetos usados nos trajes femininos. Caral foi, possivelmente, uma cidade sagrada já que o sítio arqueológico tem numerosos vestígios e objetos religiosos. Pela primeira vez as sociedades peruanas tiveram um governo central que usa a religião como meio de poder. A cidade entrou em decadência por volta de 2200 a.C. sendo abandonada em 1800 a.C. talvez por danos causados por eventos naturais como terremotos e o fenômeno de El Niño.

3000 a.C. - PRIMEIROS SAMBAQUIS (BRASIL)

Os sambaquis são estruturas artificiais de até 30 metros de altura compostas de conchas, ossos de animais, lascas de pedra e até esqueletos humanos enterrados em sepultamentos cerimoniais. São encontrados em praias ou na foz de rios, do Espírito Santo até Torres, no Rio Grande do Sul. Foram feitos por caçadores e pescadores que também coletavam mariscos. Os mais antigos sambaquis conhecidos foram edificadas por volta de 3000 a.C. e os mais recentes de cerca de 1000 d.C. Os sambaquieiros viviam em grandes grupos de centenas ou até pouco milhares de pessoas. Eram sedentários, com tecnologia e uma organização social suficiente para justificar cemitérios comuns e alguma rede de troca regional.

1200 a.C. a 100 d.C. – CULTURAS FORMATIVAS

As culturas formativas surgiram entre 1200 a.C. e os começos da Era Cristã caracterizadas pela expansão da agricultura, especialmente do milho que é moído e de sua farinha, produzido o pão (tortilla). A agricultura leva à sedentarização e exige a construção de moradias permanentes com mobiliário, utensílios variados, especialização de alguns ofícios, e produção de adornos de luxo. O excedente agrícola favoreceu o aparecimento de centros religiosos e urbanos, divisão do trabalho com governantes, guerreiros e sacerdotes.

1200 a.C. – CULTURA OLMECA (MÉXICO)

Originada por volta de 1200 a.C. na costa do golfo do México, a cultura olmeca é considerada por muitos historiadores, a cultura-mãe da Mesoamérica por ter influenciado muitos povos da região. O solo fértil da região favoreceu os olmecas cultivarem milho, mandioca, feijão, cabaceira e pimenta. Eles foram os primeiros grandes escultores e construtores mesoamericanos usando pedras como basalto, jade, obsidiana e serpentina. Suas esculturas mais conhecidas são as gigantescas cabeças de basalto com mais de 2 metros de altura e pesando toneladas. Acredita-se que eram representações de seus governantes, pois cada cabeça é única, com traços individualizados. Essas obras e outras estavam reunidas nos centros cerimoniais de La Venta, San Lorenzo e Tres Zapotes. A cultura olmeca entrou em decadência por volta de 400 a.C. quando os centros cerimoniais foram abandonados e as estátuas, mutiladas e enterradas. A razão disso ainda é um mistério para os historiadores.

1000 a.C. – CHAVIN DE HUANTAR (PERU)

A cultura Chavin floresceu entre 1000 a.C. e 200 a.C. e ergueu um grande centro cerimonial chamado Chavín de Huantar, no norte do Peru, a 3.135 metros de altitude nos Andes. Os templos foram feitos de pedra e têm uma arquitetura complicada, com passagens subterrâneas, labirinto de salas, escadas e rampas. Os muros foram

POVOAMENTO DA AMÉRICA E CULTURAS PRÉ-COLOMBIANAS

decorados com cabeças de pedra. No interior do templo principal, encontra-se “*El Lanzón*”, pedra esculpida em forma de lança, de quase 6 metros de altura, com a figura de uma divindade de traços felinos e humanos, com grandes caninos à mostra. É possível que Chavin de Huantar fosse governado por sacerdotes encarregados do culto a um deus-felino. Os templos recebiam adoradores vindos das montanhas, da costa e da selva peruana que traziam oferendas e pediam colheitas fartas.

800 a.C. – CULTURA PARACAS (PERU)

A cultura Paracas se desenvolveu entre os anos 800 a.C. e 200 d.C., a partir da península de Paracas, na costa peruana, ao sul de Lima. Daí irradiou-se para a área hoje denominada departamento de Ica. Os paracas foram exímios tecelões. Usando lã de vicunha e de alpaca, e algodão (que eles cultivavam em campos irrigados), confeccionaram mantas e tecidos multicoloridos. As cores eram obtidas com corantes naturais produzidos a partir de plantas e minerais resultando em mais de 190 tonalidades de verdes, azuis, vermelhos, amarelos, marrons etc. **Artigo completo:** <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/paracas-tesouros-enterrados-no-deserto/>

200 a.C. – CULTURA NAZCA (PERU)

Entre 200 a.C. e 700 d.C. a cultura Nazca desenvolveu-se na área desértica da costa sul do Peru. Os nazcas são conhecidos pelos gigantescos geoglifos (as “linhas nazcas”, foto abaixo) que traçaram nos altiplanos desérticos criando desenhos de animais, aves, répteis e formas geométricas que só podem ser vistas do alto. Outra produção notável desta cultura são os aquedutos subterrâneos (chamados “puquios”) extremamente engenhosos e que abasteciam com água contínua seus cultivos de milho, feijão, yuca, goiaba, algodão e outras plantas. Foram, também, exímios e criativos ceramistas. A cerâmica nazca é considerada a de melhor qualidade do Peru pré-hispânico destacando-se por sua policromia, variedade de formas e de decoração. **Artigo completo:** <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/linhas-nazcas-no-peru/>

100 d.C. a 1000 d.C. – CULTURAS CLÁSSICAS

As culturas clássicas se desenvolveram em regiões da Mesoamérica (México e América Central) e da América andina (Peru e Bolívia). Tiveram uma agricultura intensiva, formação em cidades-Estado, forte urbanismo, arte religiosa grandiosa, cerâmica e ourivesaria aperfeiçoada.

100 d.C. – CULTURA MOCHICA (PERU)

Entre os anos 100 e 600, a cultura Mochica ou Moche floresceu no norte do Peru. Foi uma sociedade altamente hierarquizada com um poderoso grupo religioso dirigente como se observa na sepultura do Senhor de Sipán, chefe mochica que governou entre os séculos II e III. Contudo, os mochicas não chegaram a constituir um estado nem império, e desconhece-se se havia unidade política entre seus centros populacionais. Destacaram-se por suas construções de adobe (pirâmides, cidades e aquedutos), pela cerâmica decorada com cenas do cotidiano, e a metalurgia do ouro, prata e cobre.

250 d.C. – CIVILIZAÇÃO MAIA (GUATEMALA E MÉXICO)

Por volta de 250 d.C. desenvolveu-se a civilização maia, a mais avançada cultura do período Clássico. Os primeiros centros populacionais maias surgiram na atual fronteira entre o México e a Guatemala, numa região próxima ao Oceano Pacífico. Espalhou-se, depois, pela Guatemala, sul do México (Chiapas e Tabasco), Belize, parte de Honduras e El Salvador. Entre suas cidades destacam-se Tikal (foto abaixo), Palenque e Copán. Eram cidades autônomas, cada uma com seu centro cerimonial e ligadas por rotas terrestres e fluviais, o que favoreceu uma intensa troca de produtos: obsidiana, jade, cacau, tecidos de algodão, facas de sílex, peles de jaguar, cerâmica etc.

Os maias inventaram uma escrita de ideogramas e signos fonéticos usada em estelas de pedra e em livros feitos de casca de árvore coberta por gesso. Inventaram o zero e desenvolveram um calendário solar, lunar e

POVOAMENTO DA AMÉRICA E CULTURAS PRÉ-COLOMBIANAS

venusiano com uma exatidão surpreendente e que serviu para registrar sua cronologia histórica. Foram construtores de pirâmides, observatórios e palácios monumentais. Lapidaram o jade (jadeíta) com o qual fabricaram as joias usadas por seus governantes.

A cultura clássica maia se desintegrou pouco antes do ano 900 por causas ainda desconhecidas; talvez catástrofes naturais, epidemias ou guerras. A cultura maia voltou a florescer no período pós-clássico em outra região, na península de Yucatán, no México.

450 d.C. – APOGEU DE TEOTIHUACÁN (MÉXICO)

Por volta de 100 d.C., no vale do México, foi erguida Teotihuacán, a “cidade dos deuses”. Foi a maior cidade clássica mesoamericana chegando a ter 125 mil habitantes no ano 450 quando atingiu seu apogeu. A cidade foi planejada a partir de um grande eixo formado por duas avenidas de 6 e 8 quilômetros. A maior delas, tem uma largura de 40 metros e, em seus lados, erguem-se as duas maiores pirâmides da cidade: a do Sol com 65 metros de altura (foto abaixo), e da Lua, com 42 metros de altura. O fim de Teotihuacán é ainda um mistério. Há sinais de um incêndio devastador ocorrido em 750 d.C. seguido de saque e abandono da cidade. **Artigo completo:** <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/esqueleto-feminino-teotihuacan/>

600 d.C. – CIDADE DE TIAHUANACO (BOLÍVIA)

Entre os anos 600 e 1000, floresceu Tiahuanaco, a 3.800 metros de altitude, em território da atual Bolívia. Foi a capital de um pequeno Estado nos Andes que, em seu apogeu, chegou a ter 20 mil habitantes. O povo de Tiahuanaco cultivava batata, quinoa e milho, e criava lhamas e alpacas que forneciam lã, leite e carne, além de adubar a terra com seu estrume. A cidade possuía uma arquitetura religiosa grandiosa feita de arenito e basalto (algumas pedras pesando até 100 toneladas), perfeitamente cortados e encaixados entre si, sem precisar de argamassa – técnica que será, depois, usada pelos incas. Destaca-se a Porta do Sol, um enorme pórtico de quase 3 metros de altura e 4 metros de largura, tendo no alto a imagem esculpida da divindade solar.

650 d.C. – ESTRUTURAS SUBTERRÂNEAS KAINGANG (BRASIL)

Por volta de 650, os povos Kaingang e Xokleng que habitavam os planaltos do Paraná ao Rio Grande do Sul, cavaram abrigos subterrâneos para se protegerem dos ventos e geadas do inverno rigoroso. Eram estruturas circulares com 2 a 5 metros de profundidade, havendo casos registrados de 7 metros. Os tamanhos variavam de 4 até 20 metros de diâmetro. No centro, era fixada uma grossa estaca de madeira que sustentava o teto de folhas e palhas. Galerias subterrâneas uniam duas casas ou mais. As casas subterrâneas mais antigas são datadas de 650 d.C., e elas foram ocupadas por muitas gerações tornando-se mais numerosas por volta do ano 1000.

500 a.C. – COMPLEXO URBANO DE KUIKUGU, MATO GROSSO (BRASIL)

Entre os anos 500 e 1000, no Alto Xingu, no Mato Grosso, os antepassados dos Kuikuros construíram uma extensa malha de 28 cidades e aldeias, distribuídas de forma radial e conectada por estradas, pontes e canais. Os centros maiores eram protegidos por valas defensivas de três metros de profundidade e 33 metros de largura, além de paliçadas de madeira. O complexo urbano de Kuikugu ocupava uma área total de 20 mil km² e tinha uma população de 50 mil pessoas. Os kuikuros eram um povo agrícola e sua principal cultura era a mandioca. Usavam sistemas de irrigação por canais e a famosa terra preta — um adubo feito de carvão, ossos e esterco. Praticavam, também, a piscicultura, criando espécies em cativeiro construindo, para isso, barragens e lagoas artificiais, hábito ainda praticado por diversos grupos indígenas. As doenças (varíola e caxumba) trazidas pelos conquistadores europeus no século XVI dizimaram a população e acabaram com o modo de vida antigo.

Revista Scientific American: <https://www.scientificamerican.com/article/lost-amazon-cities/>

1000 a 1500 – CULTURAS PÓS-CLÁSSICAS

As culturas pós-clássicas americanas se desenvolveram até a conquista espanhola na Mesoamérica e América Andina. Tiveram um forte desenvolvimento agrícola e urbano, com aumento progressivo do poderio militar seguido de decadência dos centros cerimoniais. Formaram sociedades fortemente hierarquizadas com grupos privilegiados de comerciantes e guerreiros, assim como uma metalurgia desenvolvida.

950 a 1540 - CIVILIZAÇÃO MAIA, PENÍNSULA DE IUCATÃ (MÉXICO)

Entre os anos 950 e 1540, a civilização maia desenvolveu-se nas planícies ao norte da península de Iucatã, no México, onde fundou cidades entre elas Uxmal, Mayapan e Chichén Itzá, esta última, um dos maiores centros urbanos maias. As cidades mantiveram sua autonomia como cidades-Estados, muitas rivais entre si o que levou a guerras constantes. Compartilhavam uma cultura comum, mas com elementos variados resultantes de influências culturais de diferentes povos. Após o declínio das dinastias de Chichén Itzá e Uxmal, toda península de Iucatã passou a ser governada por Mayapan até 1450 quando teve início um período de turbulência política e social seguido pelo abandono da cidade. Quando os espanhóis chegaram, no início do século XVI, as cidades maias estavam em decadência e, entre 1527 e 1546, caíram sob domínio espanhol. Restaram as cidades maias nas florestas de Petén, na Guatemala, que só foram conquistadas no final do século XVII.

1300 a 1521 - CIVILIZAÇÃO ASTECA (MÉXICO)

Os mexicas ou astecas foram o último povo mesoamericano que formou uma rica e complexa tradição religiosa, política, cosmológica, astronômica, filosófica e artística herdada e aperfeiçoada por muitos povos da região ao longo de séculos. Em 1325, fundaram a cidade de Tenochtitlán, localizada onde hoje se situa a Cidade do México. Com duas outras cidades-Estado, Texcoco e Tlacopán, formaram uma poderosa aliança que logo conquistou todo o vale. Calcula-se que a aliança controlava cerca de 10 milhões de pessoas de diferentes culturas, que falavam uma língua comum, o *nahuatl*. Tenochtitlán, a capital asteca, foi construída sobre uma ilha fluvial, unida às margens por três estradas flutuantes. Ocupando uma área de 13,5 km², tinha uma população entre 80 mil a 230 mil habitantes, em uma estimativa conservadora. A cidade caiu sob o domínio espanhol em 1521.

1348 a 1540 - CIVILIZAÇÃO INCA (AMÉRICA ANDINA)

Entre 1348 e 1540, os incas governaram Tahuantinsuyo, o maior império do continente americano que, no seu apogeu estendia-se pelos atuais territórios do Peru, Bolívia, Chile, Equador, Colômbia e Argentina. O império inca, com capital em Cuzco, tinha cerca de 10 milhões de pessoas de diferentes etnias sob um idioma oficial, o quíchua. Cerca de 40 mil quilômetros de estradas, ligando montanhas, vales e litoral cortavam o império. Pontes suspensas feitas de cordas trançadas e pontes de madeira e pedra passavam sobre precipícios, pântanos e rios. Por elas passavam os “*chaquis*”, os mensageiros do imperador, o Exército e o próprio Inca (o imperador) com sua comitiva. A conquista de Tahuantinsuyo pelos espanhóis liderados por Francisco Pizarro ocorreu entre 1530 e 1540 quando o império caiu e deu lugar ao Vice-Reino do Peru. Contudo, a civilização inca ainda subsistiu por muito tempo durante a conquista espanhola.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

As datações e informações foram extraídas dos artigos indicados e do ***Atlas Histórico de Latinoamérica, desde la prehistoria hasta el siglo XXI***, de Manuel Lucena, Madrid, Espanha: Editorial Síntesis, 2010.